

Identidade de gênero: a representação da mulher na *Revista Vida e Saúde* durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945)

Gender identity: the representation of women in *Revista Vida e Saúde* durante the Second World War (1940-1945)

Débora Maria Soares*
Liege de Oliveira Leopoldo e Silva**
Paulo Fernando de Souza Campos***

Resumo: Este artigo tem como objetivo a análise da representação da mulher adventista durante os anos da Segunda Guerra Mundial (1940-1945) na *Revista Vida e Saúde*, período destacado por intensas mudanças sociais e mundiais. Pela diversidade de assuntos retratados sobre o universo feminino, destaca-se a seção *Página da Dona de Casa* que aborda a atuação feminina na relação mãe-esposa-dona de casa além de constituir-se um relato das práticas domésticas da metade do século XX. A linha editorial do periódico é embasada na cosmovisão da denominação dentro de um projeto proselitista o que nos permite analisar o ideal feminino adventista para a sociedade.

Palavras-chave: Mulheres; Adventismo; Segunda Guerra Mundial.

Abstract: This article aims to analyze the representation of Adventist woman during the years of World War II (1940-1945) in the Life and Health Magazine, a period highlighted by intense social change and world. The diversity of subjects depicted on the feminine universe, there is the section of the page Housewife that addresses the role of women in the mother-wife-homemaker in addition to being up an account of the domestic practices of mid-twentieth century. The editorial policy of the journal is grounded in the worldview of the denomination within a project proselytizing allowing us to analyze the feminine ideal Adventist to society.

Key-words: Women; Adventism; Second War.

* Licenciada em História pelo UNASP-EC. Professora de História no Colégio UNASP, Campus Artur Nogueira – SP.

** Licenciada em Pedagogia e História pelo UNASP-EC. Pós-graduada em Psicopedagogia pelo UNASP-EC. Professora na Prefeitura Municipal de Campo Bom-RS.

*** Licenciado em História pela UEM. Mestre e doutor em História pela UNESP. Pós-doutor pela USP.

A *Revista Vida e Saúde* é um periódico editado pela Casa Publicadora Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1939. É a revista do ramo de saúde mais antigo em circulação no Brasil. Sua publicação situa-se no bojo de um complexo sistema doutrinário adventista e na missão que a IASD se atribui para completar a obra de Deus na terra e aguardar o retorno de Jesus Cristo que, por sua vez, aniquilará o pecado e seus males e criará uma nova terra.

O efervescente século XIX nos Estados Unidos foi o berço histórico dos adventistas do sétimo dia. As primeiras décadas do século são amplamente conhecidas pelos reavivamentos religiosos americanos sendo que, além dos adventistas, surgiram os Mórmons (1823), a Ciência Cristã (1866) e o início do Espiritismo moderno (1848). Curiosamente, todos estes movimentos foram conduzidos por indivíduos que reivindicavam o dom profético: Joseph Smith, Mary Baker Eddy e as irmãs Fox respectivamente.

Semelhantemente, o movimento adventista também atribui o dom profético à Ellen G. White. Nascida no estado do Maine, em 1826, Ellen Harmon (seu nome de solteira) aderiu juntamente com sua família metodista, em 1840, aos apelos de Guilherme Miller. Miller acreditava que Jesus voltaria na década de 40 com base em seu estudo sobre os 2.300 dias descritos no livro de Daniel no capítulo 8, versículo 14, no qual profetiza que o santuário seria purificado em 2.300 dias. Segundo esse pregador, o santuário representava a Terra e os dias seriam anos. Ao final desse período, a purificação ocorreria com a volta literal de Jesus. Seus sermões ocorriam no templo de diversas denominações e possuíam o intento de avisar sobre o eminente cumprimento da profecia. Sendo assim, reunia seguidores de diversas religiões, que ficaram conhecidos como mileritas. Junto aos mileritas, Samuel Snow promoveu estudo mais detalhado do tabernáculo judaico e suas festividades e determinou que Jesus Cristo regressaria a terra em 22 de outubro de 1844.

Estima-se que cem mil crentes aguardavam Jesus Cristo na data determinada. O evento ficou conhecido como “o grande desapontamento” pelo evidente não retorno de Jesus naquele dia. Contudo, o movimento não cessou. Na manhã do dia 23, Hiram Edson, após orar com amigos em um celeiro, ao sair e cruzar um milharal relata que teve um vislumbre no qual via Cristo saindo do lugar santo do santuário celestial e deslocando-se para o santíssimo, assim, a profecia de Daniel 8:14 não

indicava que o santuário a ser purificado seria a terra por meio do retorno de Jesus e estabelecimento do Seu reino, mas sim que o santuário era o celeste e no dia 22 de outubro Jesus iniciaria a segunda etapa de seu ministério expiatório, a saber, o juízo investigativo que assinalava o início do tempo do fim:

A instrução “**de medir**”, ou seja, examinar a avaliar, o “**santuário**” ou templo, era exatamente o que necessitavam os desapontados crentes em 1844. Daniel 8:14 diz que no fim dos 2.300 dias “**o santuário será purificado**”. A solução para o desapontamento e a confusão daqueles fiéis achava-se em prestarem maior atenção ao significado e ministério do santuário celestial. É um fato histórico que os entristecidos crentes reestudaram imediatamente o significado do santuário. Ao assim procederem, perceberam o verdadeiro sentido para Daniel e Apocalipse para o tempo do fim. Por intermédio desse novo estudo, eles se preparam para levar o “**ministério de Deus**” a “**muitos povos, nações e línguas e reis**”. (MAXWELL, 2008, p. 284)

Assim, os mileritas que reinterpretaram o significado da profecia de Daniel foram os que originaram os Adventistas do Sétimo Dia, os quais não foram os únicos, pois outras interpretações deste evento surgiram e geraram novos grupos religiosos. Os mileritas se voltaram para o estudo das profecias escatológicas, sobretudo, as descritas no livro de Daniel e Apocalipse. Precisavam entender a experiência da decepção do não retorno de Cristo, o “grande desapontamento”. Em Apocalipse 10: 8-11, encontraram uma explicação que lhes satisfazia:

A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra. Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como o mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como o mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.

Nesta passagem do livro de Apocalipse os pioneiros da IASD encontraram explicação para o desapontamento sofrido, interpretando que o estudo das profecias de Daniel e Apocalipse seria uma busca dos cristãos no fim dos tempos. Especificamente, o livro dado ao profeta João representava o livro de Daniel e que o doce do mel sentido na boca era a bem-aventurança do retorno de Cristo, e que a

interpretação do retorno de Cristo para 1844 significava a amargura estomacal. O “grande desapontamento” passava a ser visto como um cumprimento profético e o prenúncio de reavivamento espiritual.

Enquadrar a experiência do desapontamento no quadro profético amenizava o desânimo dos mileritas. No entanto, cerca de dois meses depois do ocorrido, Ellen White, com 17 anos, ao se reunir com amigas para orar, teve sua primeira manifestação profética. Ela via um grupo de crentes andando por um caminho estreito e Jesus ao final: os que mantinham os olhos fixos em Jesus não caíam pelo abismo como os demais. White utilizou esta mensagem como um meio de confortar os crentes do segundo advento, pois se encontravam desolados, muitos haviam vendido propriedades, desfeito negócios e depositado suas expectativas de vida no retorno de Cristo.

Assim, com Tiago White, José Bates, Urias Smith, John Loughborough, John N. Andrews e outros colaboradores, evidencia-se a continuidade do movimento iniciado com Miller, que culminou com a institucionalização da Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1860. Os adventistas se entendiam como reformadores da verdade bíblica, herdeiros da igreja apostólica. Sucessivas doutrinas foram sendo incorporadas as crenças deste grupo: a obediência aos dez mandamentos com ênfase na observância do sábado, o dom profético, a mortalidade da alma e a reforma de saúde.

A doutrina que respalda o presente estudo remonta os princípios da reforma de saúde que ressoa na teologia adventista como indispensável ao cristão. O fundamento teológico que o universo encontra-se em meio a uma batalha cósmica entre o bem e o mal (o grande conflito, assim denominado) caracteriza a mente humana como o lugar onde Cristo e Satanás disputam o ser humano. Dessa forma, uma mente sã é apta para discernir entre o bem e o mal:

Tudo aquilo que nos diminui a força física enfraquece a mente e a torna menos capaz de discernir entre o bem e o mal. Ficamos menos aptos para escolher o bem, e temos menos força de vontade para fazer aquilo que sabemos ser justo. (WHITE, 2002, p.49).

Dentro dessa perspectiva, o ser humano é entendido como unidade entre corpo e mente, dependendo em grande parte a saúde mental da saúde física e melhor

atuação do Espírito Santo na mente. A fim de recolocar a humanidade mais perto de sua originalidade, entendida como a forma como Deus arranhou o jardim do Éden ao primeiro casal, a alimentação baseada em frutas, verduras, sementes e cereais, abundante uso de água, ar fresco e o uso de remédios naturais era o caminho para a saúde humana.

José Bates, pioneiro do adventismo, foi um dos primeiros a adotar uma consciência para tal área. Antes de aderir ao movimento, não fazia uso de bebidas estimulantes e alcoólicas, do fumo e era adepto ao vegetarianismo. Contudo, Bates não era um propagador dessas ideias. A ênfase sobre estes aspectos aprofundou-se, sobretudo, a partir de 1848 quando Ellen White teve visões acerca dos malefícios do chá, do café e do fumo. Em 1863, depois da organização formal da igreja, ela teve a visão mais longa e importante a respeito do assunto, conhecida como a visão de Otsego.

Em linhas gerais, essa visão reforçava a condenação do uso de bebidas estimulantes e alcoólicas e do fumo; A temperança figura como um dos pontos-chaves para a compreensão da mensagem de saúde: se abster de alimentos que não fazem bem ao corpo e usar moderadamente os que fazem bem constituem a chave para a boa saúde; Condenação do uso de carne de porco e outras consideradas imundas, conforme relato do livro de Levíticos 11; Exercícios físicos para manutenção da saúde; O uso de alimentos cárneos e picantes contribui para a condescendência com atos pecaminosos ligados à sexualidade; Os remédios da natureza devem ser usados, as drogas médicas matariam mais que curariam; Deus efetuará curas somente depois que a pessoa procurasse o auxílio dos remédios naturais; As promessas de Deus são condicionadas pela obediência; A saúde mental e física contribuem para o desenvolvimento da capacidade de discernimento da verdade; O cuidado da saúde pelo cristão exprime comprometimento com Deus pois esta é uma questão espiritual.

Esta foi a principal visão que teve sobre saúde, mas outras se seguiram. Ellen White escreveu vários livros a respeito da reforma de saúde, entre eles: *A Ciência do Bom Viver*, *Conselhos sobre Regime Alimentar*, *Medicina e Salvação*, *Conselhos sobre Saúde*, *Temperança*, entre outros artigos publicados em periódicos denominacionais.

Como já mencionado, a mensagem de saúde dos adventistas do sétimo dia foi pautada no tema unificador de sua teologia: a temática do grande conflito. Além do

mais, Ellen e Tiago White sistematizaram a importância dessa doutrina dentro do contexto da comissão evangélica, isto é, propagar aos diversos povos a doutrina cristã. Dentre os principais tópicos a serem proclamados pelo mundo, a mensagem do terceiro anjo apocalíptico trazia consigo a mensagem de saúde:

Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice de sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não tem descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. (Apocalipse 14:9-12)

Dentre as muitas implicações da mensagem do terceiro anjo, os pioneiros da teologia adventista atribuíram vários significados. Em especial, a reforma de saúde. Os artigos de Tiago White expressavam ideias vinculando a mensagem de saúde ao trecho final do versículo que cita os que têm “a fé em Jesus”:

No final do inverno de 1854, White mencionou vários ensinamentos sobre o estilo de vida que ele considerava como parte da porção fé em Jesus “relacionada com o presente dever dos discípulos de Cristo”. White instou com seus companheiros de fé (1) a permitirem “o sangue de Cristo” purificarem suas palavras “de todo o pecado”... (2) a manifestarem “o fruto do Espírito”... e (3) a comerem, beberem e viverem “para a glória de Deus” e não para a gratificação própria (I Cor. 10:31)... Sem negar sua identificação anterior do “testemunho de Jesus Cristo” de Apocalipse 12:7 com a “fé de Jesus” de Apocalipse 14:12, Tiago White afirmou, em dezembro de 1855, que a verdadeira interpretação desse “testemunho” é provida em Apocalipse 19:10: “Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia”... ele concluiu que o “testemunho de Jesus” mencionado em Apocalipse 12:17 era uma referência à manifestação profética do “dom de profecia” na igreja remanescente no tempo do fim. (TIMM, 2009, pp.199-200)

Assumida sua importância dentro da interpretação de Apocalipse 14:9-12 e reconhecido que a “fé em Jesus” era uma clara alusão ao dom profético de Ellen White, a mensagem de saúde reafirmada na Bíblia e a contida nos escritos da profetisa atuavam como um alívio ao sofrimento humano, se transformaria numa porta de entrada para a aceitação das pessoas do restante do evangelho e, sobretudo, prepararia um povo para a volta de Jesus: “Aquele que se apega à luz que Deus lhe deu

sobre a reforma de saúde tem um importante auxílio na obra de ser santificado pela verdade e estar habilitado para a imortalidade” (WHITE, 2006, p.161). Ellen White, em sua teologia, conectou o pecado de Adão e Eva com a intemperança, sendo esta, o fundamento da queda do homem (WHITE, 2010, p.83).

Ellen White instava em seus escritos que pastores e pessoas que trabalhavam em prol da Igreja Adventista teriam zelo e apreço pela mensagem de saúde e usariam como ferramenta proselitista:

Ensinando os princípios de saúde, mantende diante do povo o grande objetivo da reforma – que seu desígnio é assegurar o mais alto desenvolvimento do corpo, da mente e da alma. Mostrai que as leis da natureza, sendo as leis de Deus, são designadas para o nosso bem; que a obediência às mesmas promove a felicidade nesta vida, e contribui no preparo para a vida por vir. (WHITE, 2007, p. 51)

A profetisa do movimento arremata sua proposta mostrando que a vida temperante do crente seria uma vitrine para a formação de novos adeptos:

Fui informada por meu guia de os que creem na verdade não somente devem observar a reforma de saúde, mas também ensiná-la diligentemente a outros; pois será um instrumento pelo qual a verdade pode ser apresentada à atenção dos não crentes. Eles raciocinarão que, se temos ideias tão boas relativamente à saúde e à temperança, deve haver em nossa crença religiosa alguma coisa digna de estudo. Se apostatarmos na reforma de saúde, perderemos muito de nossa influência para com o mundo lá fora. (WHITE, 2010, p.83)

Nesta linha de atuação, o adventismo assumiu uma proposta que permitisse a propagação de princípios de saúde através da manutenção de clínicas, formação de médicos e distribuição de literatura específica. A partir dos princípios e orientações relacionadas à saúde, em 1866, foi lançado a revista pioneira *Health Reformer* (posteriormente *Good Health*) pela editora *Review and Herald* nos Estados Unidos e, em 1885, e a editora *Pacific Press* lançou a congênere *Life and Health*. Estas publicações adventistas foram pioneiras das tantas outras que surgiriam pelo mundo sob a orientação de Ellen G. White.

No Brasil, a liderança denominacional criou um periódico publicado eventualmente chamado *Saúde e Vida* a partir de 1914. Contudo, em 1939, A Casa Publicadora Brasileira aprova a publicação mensal da *Revista Vida e Saúde* sob o

comando de Luiz Waldvogel, alicerçada no ideal missionário e proselitista de suas congêneres americanas.

O papel da mulher no adventismo

A escritora Ellen G. White foi uma mulher de relevante importância no adventismo. Desempenhou a função de autora denominacional desde o início do movimento. Desempenhou um papel fundamental para a propagação do adventismo a partir de seus escritos, desenvolvendo a expansão de temas nodais na ampliação doutrinária do movimento, no crescimento dos interesses pela educação, regime alimentar, liberdade religiosa, profecias e muitas outras manifestações sobre as quais escreveu. Dentre essas verificam-se mensagens específicas para mulheres, envolvendo temáticas como respeito próprio e modéstia.

O modelo preconizado como ideal para as mulheres encontra no processo histórico significativas alterações. Sabemos que o século XIX ofertou as mulheres americanas uma participação mais ativa em funções de liderança em igrejas evangélicas e, esse processo, também ocorreu na IASD. White aborda o tema da missão das mulheres dentro do campo religioso como uma abertura de trabalho no qual mulheres pudessem se desenvolver e participar publicamente. Em seus registros, a fundadora dos preceitos que norteiam a IASD cita: “O Senhor tem uma obra para as mulheres, da mesma forma que para os homens.” (WHITE, 2008, p. 4).

Não se trata de uma competitividade entre homens e mulheres, mas a ocupação de um espaço estabelecido por Deus. Não é incorreto afirmar que, para Ellen White, as mulheres cristãs deviam desenvolver suas faculdades intelectuais, pois são possuidoras de boas aptidões. A escritora destaca que as mulheres podem fazer o trabalho de obreiras cristãs e nesse campo do proselitismo ser bem sucedidas ao caracterizar que “elas têm bom tato, percepção e boa qualidade. Elas podem alcançar uma classe que os pastores não alcançam.” (WHITE, p. 8, 2008).

Portanto, para a autora norte-americana, a mulher desempenha importante ministério: o de ensinar e estimular as pessoas, no serviço de visitas a necessitados e enfermos, no cuidado dos pobres e auxílio aos jovens. Há o incentivo às mulheres de estudarem, obterem qualificação profissional, fazerem parte do quadro médico das instituições adventistas. Destaca que “é seu privilégio serem instruídas em algumas

áreas de trabalho tão cabalmente quanto os homens”. (WHITE, p.74, 2008). Em seu entender, o aumento de médicas diplomadas facilitaria o atendimento de mulheres que, por sua vez, não precisariam expor suas genitálias aos homens e assim evitar tentações.

Mesmo tendo sua função pública reconhecida, White pondera sobre a atuação feminina no lar. Assim, a missão espiritual da mulher adventista é consagrar individualmente suas capacidades ao Senhor na sua obra, começando pelo seu lar: “O lar é tanto uma igreja de família como uma escola” (WHITE, p.160, 2008). Neste sentido, ela destaca que o lar, sendo uma escola, e o espaço doméstico sendo local convencionalmente destinado à mulher, nele são desenvolvidos os traços de caráter que perdurarão por toda existência. Portanto, cabe à mãe, grande parte da responsabilidade de educar os filhos.

Como reitera, as mulheres precisam ser boas donas de casa, mesmo sendo diplomadas não devem negligenciar dos afazeres domésticos:

Toda jovem deve ser educada de tal maneira que, se chamada a ocupar a posição de esposa e mãe, possa governar como uma rainha em seu domínio. Deve ser plenamente capaz de guiar e instruir os filhos, dirigir os empregados e, se necessário, ministrar com as próprias mãos às necessidades do lar. (WHITE, p. 168 -169, 2008)

A representação de mulher para Ellen White não preconizava a vida fútil e o recôndito do lar como último e único refúgio, como lugar de mulher. As mulheres, ao contrário, como a citação acima evoca, deveriam ser abençoadas, pois seus conhecimentos permitiriam o lar organizado, limpo e cuidado, como virtudes femininas, sejam executando os trabalhos ou administrando empregados sob sua responsabilidade. Em seus escritos, White instrui às mulheres para esta responsabilidade ao conclamar: “Assuma os deveres essenciais que devem ser executados. Estude como realizar com alegria os deveres simples, desinteressantes, domésticos, mas muito necessários, que se relacionem com a vida no lar.” (WHITE, 2008, p.17). Contudo, como mulher, escritora, esposa e mãe Ellen White ressalta que a mulher adventista deve cuidar do seu bem estar físico, tomando tempo para si cuidando da sua saúde a fim de poder exercer todos os seus afazeres, pois “... a mulher não pode ser avaliada pela quantidade de trabalho que pode fazer, como se

faz com os animais de carga. A esposa deve ser o encanto do círculo familiar como esposa e companheira para um sábio marido” (WHITE, 2008, p.143).

As mulheres adventistas tem a missão de serem esposas, mães, mas também professoras, enfermeiras, profissionais. Podem desenvolver a obra de salvação de outros através do desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

Desta maneira, a IASD não destitui a secular tradição da mulher vinculada ao ambiente privado da vida familiar, mas permite que assuma o espaço público como profissional, com a ressalva de que não se esquive de suas obrigações familiares para manutenção do ideal bíblico para a família.

“Página da Dona de Casa”: representações da mulher adventista

A “Página da Dona de Casa” constitui uma seção destinada especificamente às leitoras da *Revista Vida e Saúde* e está presente desde sua primeira edição. No primeiro editorial encontra-se uma menção sobre a finalidade da coluna:

Leitor amigo, leve para casa Vida e Saúde. É uma revista para você, para sua esposa, para seus filhos. Leia-a, e assimilará conhecimentos que o habilitarão a ser melhor chefe de família e a sentir, ao mesmo, mais forte a alegria de viver. Passe-a depois à sua senhora. Ela aí sorverá informações que, como dona de casa cada vez mais perita que deseja ser, não quererá de modo algum dispensar. Gentil leitora, depois de ler, todos os meses, a revista (não esquecendo, especialmente, a sua página, a “Página da Dona de Casa”)... (Revista Vida e Saúde, janeiro de 1939, p. 3.).

A proposta do espaço destinado às mulheres visa apresentar dicas de como facilitar o cotidiano doméstico. Contudo, a análise contínua da seção “Página da Dona de Casa” permite considerar várias nuances do mundo feminino na década 1940. A página não é assinada por nenhum dos editores ou algum autor, pois como observado, no período, o editorial da *Revista Vida e Saúde* era composto somente por homens. No entanto, as notas publicadas na coluna eram escritas na voz feminina. Não é possível determinar se era uma construção dos próprios editores ou se de fato uma mulher as redigia. A evidência da esposa do editor Luis Waldvogel, Isolina Waldvogel, como uma importante tradutora da Casa Publicadora Brasileira, permite considerar que tenha contribuído sistematicamente com os trabalhos de publicação da IASD e assumido a redação da coluna feminina do periódico.

Imagem 1
Primeiro Layout



Fonte: (Revista Vida e Saúde, junho de 1940, p.23)

Imagem 2
Segundo Layout



Fonte: (Revista Vida e Saúde, dezembro de 1940, p.19)

De 1940 a 1945 o *layout* da página apresenta três configurações, duas delas evocam uma cena familiar. Nas duas primeiras, a esposa aparece em segundo plano, servindo ao marido e aos filhos. A primeira imagem revela uma cena própria de uma refeição familiar. Nela, a mulher aparece na extremidade direita carregando um recipiente com o prato principal da ceia, do lado oposto o pai e o casal de filhos aguardam para serem servidos. Os homens da família aparecem de frente, enquanto a filha está de costas e na ilustração seu rosto não aparece.

Imagem 3
Terceiro Layout



Fonte: (Revista Vida e Saúde, novembro de 1944, p. 23)

Na terceira versão do *layout* da página, o marido encontra-se no primeiro plano da imagem com uma aparência feliz, desfrutando de um desjejum farto com sua esposa sorridente ao fundo segurando uma tigela. O discurso que rege a página encontra-se explícito nestas imagens, que transmitem a idealização da mulher como esposa e mãe, que através de sua dedicação como dona de casa garante a boa alimentação, a educação, o clima familiar agradável e aconchegante. O sucesso do lar passa por suas realizações domésticas como permite considerar os registros:

E assim, aplicando um pouco a sua viva imaginação, quantos deliciosas *creações* não conseguirá a dona de casa, como agradáveis surpresas ao marido, e eficazes meios para alisar um sobrececho carregado que ele porventura traga para casa! (Revista Vida e Saúde, fev, 1940, p.23).

A finalidade última das atividades domésticas visa a contribuir para a felicidade familiar. Uma nova receita é um agrado para o marido sobrecarregado de trabalho. A limpeza e o asseio atuam como recursos didáticos para espelharem a harmonia do tratamento familiar e das boas maneiras:

Estende-se na mesa uma toalha branca e perfeitamente limpa, ornando-a com alguns ramalhetes de flores e plantas ornamentais. Haja gosto na disposição do serviço dos talheres; uma mesa posta com arte e bom gosto exerce uma influência nobilitante sobre a família e quando os filhos crescerem e deixarem o lar paterno, jamais se hão de esquecer disto. O brilho dos talheres, da porcelana e dos copos, revelando o cuidado que presidiu à sua limpeza, acrescenta ainda a frescura e beleza da mesa, fornecendo incentivos à etiqueta e ao cavalheirismo. Quando a toalha está suja e a mesa posta negligentemente, a sala em desalinho e tudo em desordem, nada

predispõe para a cortesia e delicadez de trato. A boa ordem e o bom gosto na disposição de tudo que concerne à vida doméstica, tem uma influência educativa sôbre cada membro da família. (Revista Vida e Saúde, jun, 1940, p. 23)

O empenho nas tarefas domésticas, justificado pelo nobre propósito de gerenciar a felicidade do lar, traduz uma atividade que transcende o “lavar, passar, cozinhar”. O domínio do ofício inclui muitas outras habilidades: curar, nutrir, recuperar, conservar, economizar, criar, gerir. Química, matemática e medicina parecem ser as ciências imprescindíveis para suas realizações.

Jules Michelet (2003) em seu clássico *A Feiticeira* desnuda o universo feminino como original das ciências acima citadas. Na Idade Média, a dona de casa buscava soluções para curar e em seu exercício proto-científico era representada como feiticeira por contrariar a ordem natural dos fenômenos, na medida em que morte e doença eram significados como purificação da alma. O uso sobrenatural das propriedades medicinais, cujo conhecimento e utilização delineavam o avesso da ordem estipulada para a mulher, passou a ser considerado estigma, e a mulher que possuía tais conhecimentos foi suspeitada, criminalizada e abjurada da sociedade.

No caso em estudo, o universo feminino é representado de forma diametralmente oposta. A “Página da Dona de Casa” é um veículo divulgador de saberes populares, que curam e limpam, o que as tornam boas donas de casa, a enfermeira do lar:

Toda e qualquer mulher deve estar preparada para agir como enfermeira no seu próprio ambiente doméstico, pois mais tarde ou mais cedo aparece uma ocasião que a obriga a prestar serviços neste sentido. Geralmente, uma mãe é a primeira a se aperceber da próxima doença de seu filho e, naturalmente, é a ela que cabe cuidar dele. (Revista Vida e Saúde, set, 1942, p.23).

Os saberes dominados pelas mulheres perpassam não só a enfermagem, mas a nutrição, pois “...a cozinha – o laboratório do sangue, por assim dizer merece todo o nosso carinho e atenção...” (Revista Vida e Saúde, abr, 1940, p. 23). Por se tratar de um periódico adventista o conhecimento das propriedades dos alimentos e suas atuações orgânicas são amplamente divulgados na seção. Um exemplo é a utilização de frutas cítricas e sua alta concentração de vitamina C, que combatem gripes e fortalecem o sistema imunológico. Assim, é a mulher quem administra os medicamentos do lar. Na edição de fevereiro de 1940 as donas de casa são

incentivadas a organizarem uma botica doméstica e manterem atualizados os estoques, pois toda boa esposa e mãe precisa ter “...o que for preciso para atender os pequenos acidentes domésticos...” (Revista Vida e Saúde, fev, 1940, p.23).

As habilidades femininas nas práticas curativas estendem-se às plantas. A jardinagem é, inclusive, considerada recreativa. Receitas de inseticidas naturais que protegem suas plantas e conservam as flores nos vasos são assuntos recorrentes. A horta doméstica é responsabilidade da dona de casa, fonte de alimentos saudáveis:

Nos Estados Unidos... milhares de donas de casa, que nunca haviam dado a mínima atenção às atividades hortícolas, se dedicam atualmente a fazer com que os quintais e jardins de sua residência produzam os legumes e hortaliças que elas recebiam, frescos, de distantes regiões agrícolas, ou que, mais simplesmente conservados em latas. O motivo dominante desta nova atividade, que quasi merece o rótulo de revolucionária é a crise de transportes... Assim procedendo, deixarão livres os veículos para os transportes de mais premente necessidade e alimentarão melhor o marido, os filhos e elas mesmas. (Revista Vida e Saúde, jun., 1943, p.23)

Como percebemos o trabalho da mulher adventista é múltiplo e levando em conta a tecnologia da época, a disponibilidade de produtos de limpeza, a qualidade dos tecidos, o acesso aos alimentos e a quantidade de filhos não é difícil supor que, na década de 1940, chegariam à exaustão física quase todos os dias. Neste sentido, a *Revista Vida e Saúde* apresenta em várias edições exemplos de como devem ser processados os afazeres domésticos no dia-a-dia da mulher. A quantidade de receitas de produtos de limpeza surpreende e em muitas publicações chegam a consumir mais da metade da seção da *Página da Dona de Casa*. Eram muitas as misturas que a dona de casa precisava dominar para limpar, engomar, curar e cozinhar. Para economizar verniz do móveis, a mulher poderia:

Misturar em frasco inquebrável: goma laca, 250 gramas; álcool a 40 graus, 500 cc. Fechar herméticamente o frasco, envolvê-lo com um pano e mergulhá-lo em água fervente a 70 graus. Quando a goma laca estiver dissolvida no álcool, tirar o frasco, deixá-lo descansar uns minutos... (Revista Vida e Saúde, jul, 1944, p.23)

Na edição de abril de 1940, recomenda-se que para limpar botões de osso e metal basta friccioná-los com giz e um pano de camurça. Para evitar que a seda desbotasse teria de deixar o tecido de molho com vinagre, água e sal. Os vários usos

do querosene são citados em janeiro do mesmo ano, entre estes seu uso nos primeiros socorros como desinfetante de feridas e tônico para galinhas. O sal, encontrado em qualquer casa, é referido como remédio, fortificador de gengivas e ótimo limpador de copos e vasilhas de cobre. A mistura de água quente, limão e sal é indicada como eficaz para lavagem de aparelhos sanitários (Revista Vida e Saúde, abr, 1945, p. 23).

O universo de receitas nos permite perceber a gama de ingredientes e elementos químicos que as donas de casa utilizavam-se no dia-a-dia: querosene, aguarrás, vinagre, amoníaco, óxido de zinco, leite, açúcar, iodureto de potássio, goma laca, óleo, álcool, sódio, éter, ácido clorídrico, soda, glicerina, vaselina, ácido acético, enxofre, gelatina, breu, cera, sebo de carneiro, borato de sódio e gasolina são alguns destes ingredientes encontrados das quais as mulheres muniam para manter o lar. Alguns destes representam um risco de uso, procedimentos envolvendo limites de temperatura, como os ingredientes aquecidos, representam fator que concorria para acidentes domésticos.

Alguns procedimentos de limpeza poderiam ser considerados como rituais por tantos processos que envolviam, principalmente quando o assunto era lavar e passar roupas. A seda parece ser o tecido que mais transtornos geravam a dona de casa:

Para que a seda fique brilhante e suave, dissolver dois ou três torrões de açúcar na água usada para lavá-la, deixá-la secar sem torcer, envolta num pano branco, e a seguir passá-la com o ferro ligeiramente aquecido. (Revista Vida e Saúde, ago,1945, p.23)

Vários afazeres demonstram-se morosos. Para tirar manchas vermelhas de frutas em roupas brancas requer-se que molhe a parte suja e deixe pegar o vapor de enxofre quente (Revista Vida e Saúde, dez, 1945, p.23). A limpeza de bordados exigia a aplicação de um tempo considerável e exigiam tratamentos diferenciados para cada material:

Limpeza de Bordados a Fios de Ouro. Limpam-se a sêco com miolo de pão e pó de tártaro, misturados em partes iguais, ou com escova macia molhada ou em espírito de vinho aquecido em banho maria. Limpeza de Bordados a Fio de Prata. Se aplicados sôbre tecido sensível, descosturá-los antes. Limpa-se com pano molhado e sabão branco amassado com alumínio em pó. Depois de sêco, passa-se uma escôva fina para remover o resto de pasta de sabão. (Revista Vida e Saúde, out, 1944, p.23).

A rotina de cuidar dos filhos provendo alimentação e vestimenta era entremeada por inúmeras tarefas de limpeza, que correspondiam a verdadeiros protocolos a serem obedecidos. A faxina era recheada de minúcias e segredos que garantiriam a limpeza, a conservação e economia necessárias.

Outro detalhe que pode ser associado ao esmero em cuidar das coisas é a observação de Michelle Perrot que vê o registro da memória feminina nos objetos:

A roupa de cama, mesa e banho, o vestuário constituem uma outra forma de acumulação. O enxoval, cuidadosamente preparado nos meios populares, sobretudo rurais, é “uma longa história entre mãe e filha”. A confecção do enxoval é um legado de saberes e de segredos, do corpo e do coração, longamente destilados. O armário de roupas é ao mesmo tempo o cofre e relicário. A espessura dos lençóis, a delicadeza das toalhas de mesa, os monogramas nos guardanapos, a qualidade dos panos de limpeza ganham sentido numa cadeia de gestos repetidos e engrinaldados. (2009, p.14)

A memória feminina encontra-se nos objetos e nas roupas de sua casa. Conservá-los é tarefa importante, ainda no século XX.

Uma dona de casa contemporânea com todas as facilidades de eletrodomésticos, água encanada, produtos industrializados e um número de filhos inferior em relação ao que ocorria na década de 1940, ainda hoje relega um tempo considerável para os cuidados com a casa. Uma pesquisa recente no Brasil demonstra que as mulheres em média dedicam 22 horas semanais de atividades domésticas além da jornada profissional¹. Considerando as condições da maioria das brasileiras da década de 1940 os exemplos de como procediam no trabalho caseiro, podemos inferir que dedicavam boa parte de seu tempo aos afezeres como donas de casa.

O perfil da mulher é sintetizado na imagem de mãe-esposa-dona de casa. Maluf e Mott, em estudo sobre as mulheres brasileiras na *béle-epoque*, explicam a origem e sustentação dessa imagem:

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado

¹Os dados são procedentes da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que demonstra que as mulheres trabalham dedicam 275 horas a mais que os homens realizando atividades domésticas. Enquanto elas gastam, em média, 22 horas semanais, eles 9.3 horas. Outros dados da pesquisa revelam disparidades que ainda demonstram que as mulheres ainda que tenham conquistado um espaço no mercado de trabalho não dividiram as tarefas domésticas com os homens por igual. Retirado do site <http://br.financas.yahoo.com/noticias/mulheres-fazem-5-horas-servi%C3%A7o-dom%C3%A9stico-homens-semana-130429648.html>, no dia 20 de julho de 2012.

pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher – e a sua relação com as suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser. (1998, p. 374)

Maluf e Mott arrematam o pensamento de que ser uma boa dona de casa era considerada uma qualidade intrínseca da alma feminina e questionam as balizas para esse julgamento:

Mas o que era ser uma boa dona de casa? Os anúncios das principais revistas brasileiras mostram que algumas casas das primeiras décadas do século já estavam bem aparelhadas... Apesar da aparente facilidade, traduzida por uma gama variada de aparelhos elétricos oferecidos ao público e por anúncios, nos quais as mulheres executavam os mais difíceis e sujos serviços domésticos sempre sorrindo, ainda era muito restrito o acesso a novos utensílios e a serviços como eletrecidade e água encanada. Os novos bens de consumo beneficiaram apenas uma parcela da população, composta daqueles que podiam pagar... já que a relação dos consumidores com o novo não foi automática. (1998, p.403)

A dona de casa das páginas da *Revista Vida e Saúde* não parece romper com a mãe-esposa-dona de casa descritas por Maluf e Mott nos anos 20. Seu papel é dentro do lar, servir marido e filhos. O fato de existirem novas tecnologias, não correspondiam ao acesso universal. Também, mesmo para aqueles que adquiriam os novos eletrodomésticos e produtos, o rompimento de imediato com as tradicionais formas de realizar o serviço doméstico não acontecia imediatamente, o que pode ser deduzido pelo grande número de receitas e dicas verificados nas páginas do periódico ainda na década de 40.

Considerações finais

As páginas da *Revista Vida e Saúde* ambientam a mulher em sua função de mãe-esposa-dona de casa. A celebração adventista em torno da importância do lar como a primeira escola dos filhos, prolongamento do céu na terra, investe a mulher como “rainha do lar”, termo empregado por Ellen White para designar o grau de importância da atividade da esposa e mãe, de uso corrente na denominação. Essa investidura reveste as atividades cotidianas da mulher adventista como desígnio divino para cumprimento da vontade de Deus.

Suas tarefas domésticas são apresentadas não como uma finalidade em si mesmas, mas desvelam um ideal superior: limpar para trazer conforto, ordem para ensinar o respeito, embelezar para incentivar a cortesia, cozinhar para promover saúde, criar para agradar. A mulher cristã, mesmo que exerça outra atividade profissional, tem por obrigação administrar e executar as tarefas domésticas para garantia da felicidade e conforto da família. Sua vida profissional é encarada como o preenchimento de uma lacuna em algum campo de trabalho que exija o contato com o mesmo gênero.

Esta imagem da mulher adventista propagada pela *Revista Vida e Saúde* não entra em confronto direto com a sociedade não-adventista pois, nos meados da década de 40, o perfil do “ser uma boa mulher” estava alicerçado no tripé mãe-esposa-dona de casa. Contudo, dentro da cosmovisão adventista suas atividades são endossadas pelo ideal divino de família esboçado constantemente na teologia de Ellen G. White.

Fontes

REVISTA VIDA E SAÚDE. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1940-1945. Mensal.

Referências bibliográficas

Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. **Nisto Cremos. 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.** 8 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

BÍBLIA. Apocalipse. Português. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Daniel. Português. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DOUGLASS, Hebert E. **Mensageira do Senhor:** o ministério profético de Ellen G. White. 3 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUNTZE, Tânia Denise. **Faculdade Adventista de Enfermagem:** memória histórica (1968-1998). Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. 282 p.

MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.367-421.

MAXWELL, C. Mervyn. **Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse**. 3 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 2003.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, 9, v.9, n.18, 2009, pp.09-18.

REVISTA ADVENTISTA. Cada membro da igreja um cidadão (Entrevista concedida de Walter Streithorst à Revista Adventista). *Revista Adventista*, Tatuí, dez,1977. pp. 05-06.

REVISTA VIDA E SAÚDE. Nosso Programa. *Revista Vida e Saúde*, Santo André, jan, 1939. p. 03.

SCHAWARZ, Richard. GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo dia**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2003.

SCHEFFEL, Rubem M. Memórias de uma enfermeira. *Revista Adventista*, Tatuí, pp. 6-7, maio de 1984.

STENCEL, Renato. **História da Educação Superior: Brasil, 1969-1999**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2006. 302 p.

TIMM, Alberto R. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. 5 ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.

WHITE, Arthur L. **Ellen G. White: mensageira da igreja remanescente**. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WHITE, Ellen G. **Beneficência Social**. 4 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Conselhos sobre o Regime Alimentar**. 12 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. **Conselhos sobre Saúde**. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

_____. **Filhas de Deus: mensagens especiais para as mulheres**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **O Outro Poder: conselhos aos escritores e editores**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **Testemunhos para a Igreja**. Vol. 3. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WILCOX, Francis M. **O Testemunho de Jesus**. 4 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

**Recebido em Setembro de 2014.
Aprovado em Dezembro de 2014.**